

A floresta amazônica ameaçada

Herbert Levy *

A imprensa divulga com destaque que madeiras asiáticas da Indonésia, da Coreia e da Malásia, com tradição de desrespeito às leis de proteção ambiental, estão comprando grandes áreas da floresta amazônica, com o objetivo de explorar a madeira nativa.

A notícia acrescenta — com fotos impressionantes de grandes toras acumuladas — que só na Guiana, porta de entrada para a região, 9 milhões de hectares de florestas tiveram licença para exploração.

Lembrei-me de denúncia que veiculei em artigo, em julho de 1989, baseada em publicação de um especialista, Timothy Egan, no New York Times, e transcrito no International Herald Tribune, no dia 21 de março daquele ano.

Vale a pena reproduzir parte dessa denúncia:

“As mais altas e antigas árvores do mundo, nas florestas naturais que se estendem do norte da Califórnia e vão até o sul do Alasca em terras públicas, estão sendo abatidas em proporções sem

As antigas florestas dos EUA estão sendo transformadas em toras de madeira

precedentes. O corte, estimulado por profundas mudanças na indústria madeireira, ameaça os últimos remanescentes de árvores antigas nos Estados Unidos, bem como os animais e pássaros que vivem nessas florestas desde tempos imemoriais.

“As florestas virgens, que no passado cobriam

uma boa parte do país, reduziram-se a uma estreita faixa no Extremo Leste, na maior parte de propriedade do governo dos Estados Unidos.

“Essas últimas antigas florestas estão sendo transformadas em toras de madeira na proporção de 60 mil acres (cerca de 24 mil hectares) por ano — três vezes mais do que no auge do ‘boom’ de construções do pós-guerra”.

As exportações eram canalizadas para o Japão. E nos últimos anos ficamos sabendo que, esgotada essa fonte de exportação de grandes toras, o mercado japonês volta-se para outras fontes de su-



primento, principalmente no Canadá.

Mas, se numa nação como os Estados Unidos, pode acontecer uma coisa dessas, pelo “amolecimento”, segundo as

denúncias, dos órgãos de controle do Serviço Florestal, não há área alguma do mundo que esteja indene a essa invasão de madeiras e à ameaça de esgotamento das reservas. Tenho um grande interesse nesse assunto, pois fui o maior implantador de florestas neste País. Usando a possibilidade dos incentivos fiscais que permitiam o abate do imposto para os que

investissem nessa área, fui responsável pela plantação de 175 milhões de pinheiros (pinus tropicais, heliotis e hondurenses) concentrada no Triângulo Mineiro, hoje transformados em árvores adultas.

Há outras áreas em condições de abastecer centros consumidores sem devastação ambiental

Para realizar esse programa, compramos, a troco de reza, mais de 200 mil hectares de terras. O pinheiro aceita as terras mais fracas e, assim, levamos milhares de empregos e riquezas a áreas paupérrimas, tendo merecido o título de cidadão honorário de treze municípios mineiros da região.

Essas árvores estão hoje plenamente adultas. E

como não fui o único a promover esse plantio, existem muitas outras áreas em condições de abastecer os centros consumidores sem ser necessário processar-se a devastação ambiental, muito menos na Amazônia, área que merece a atenção e as preocupações dos ambientalistas do mundo inteiro.

Os que me conhecem sabem que não é por interesse próprio que denunciamos as ameaças de devastação da Amazônia, mesmo porque a propriedade das áreas que florestamos não é nossa, mas dos investidores fiscais, particulares e, sobretudo, de empresas e instituições bancárias com destaque para o Bradesco que foi, por larga margem, nosso maior investidor.

* Presidente do conselho de administração deste jornal.

10-12/15/96 PA A-2
933